

**CAMINHOS DO
ROMÂNTICO 2024
PERCURSOS
ESPECIAIS**



INFORMAÇÕES ÚTEIS

PERCURSO DA NATUREZA
PERCURSO DA ÁGUA
PERCURSO DA INDÚSTRIA
PERCURSO PERSONALIDADE:
CARLOS ALBERTO

Visita autónoma
(com o apoio da app Zoomguide)

Visita orientada
(gratuita)
Dias úteis
Duração 2h
Limite de 25 participantes (mínimo de 5)

Inscrição e + info
educativo.museudoporto@cm-porto.pt
ou (+351) 226 057000

PERCURSOS ESPECIAIS

Visita orientada por um convidado especial

Penúltimo sábado de cada mês
Duração: 2h
Limite de 25 participantes

Entrada 2 euros
Bilheteira online ou espaços do
Museu do Porto, disponível um mês
antes da realização de cada percurso

RECOMENDAÇÕES

Calçado confortável
Garrafa de água
Roupa adequada às condições climáticas,
dado que o percurso se realizará em caso
de chuva moderada

Atividades não cobertas por seguro
de acidentes pessoais.

CAMINHOS DO ROMÂNTICO

Os Caminhos do Romântico apresentam-se desde 2001 como uma revelação permanente do património cultural e natural do Vale de Massarelos e, mais recentemente, desenvolvem-se sob o mote de quatro grandes horizontes temáticos de apelo à fruição: Natureza, Água, Indústria e Personalidade – Carlos Alberto.

O convite à descoberta desta paisagem, disposta em socacos serpenteados por caminhos estreitos e altos muros, faz-se a partir do ideário Romântico, que a moldou no século XIX, mas enriquece-se sobretudo com o olhar contemporâneo capaz de lançar novos repto ao território.

As características singulares da sua espacialidade conferem-lhe ainda hoje uma ambiência de ruralidade, em pleno centro urbano, onde espécies autóctones e exóticas coabitam em jardins públicos e privados planeados durante o século XIX, fazendo-nos render a um espírito contemplativo e de fuga ao mundo citadino, numa vasta mancha verde muito apetecível.

O elemento água, omnipresente em todo o vale, reforça a ambiência romântica pontuada por chafarizes, fontes e lavadouros, testemunhos de uma vida comunitária alimentada pelo ribeiro de Vilar e rio Douro, de que o bulício industrial Oitocentista também se serviu.

Cobiçado pela burguesia do século XIX, o Vale de Massarelos foi ainda morada de grandes comerciantes e industriais e também o eleito pelo herói romântico português, Rei Carlos Alberto da Sardenha, que aí encontrou a envolvente introspetiva que tanto cumpria o propósito derradeiro do seu exílio.



Jardim do Roseiral, Palácio de Cristal – Percurso da natureza (2022).
Fotografia de Sérgio Rolando

PERCURSO DA NATUREZA

1,5 km

Início do percurso ↓

Entrada principal dos Jardins do Palácio de Cristal

Fim do percurso ↓

Jardins da Casa Tait

A história da cidade do Porto e dos seus habitantes é povoada de horticultores, jardineiros e amantes da Natureza que tanto atuaram em espaços públicos, como nas quintas de recreio privadas no século XIX.

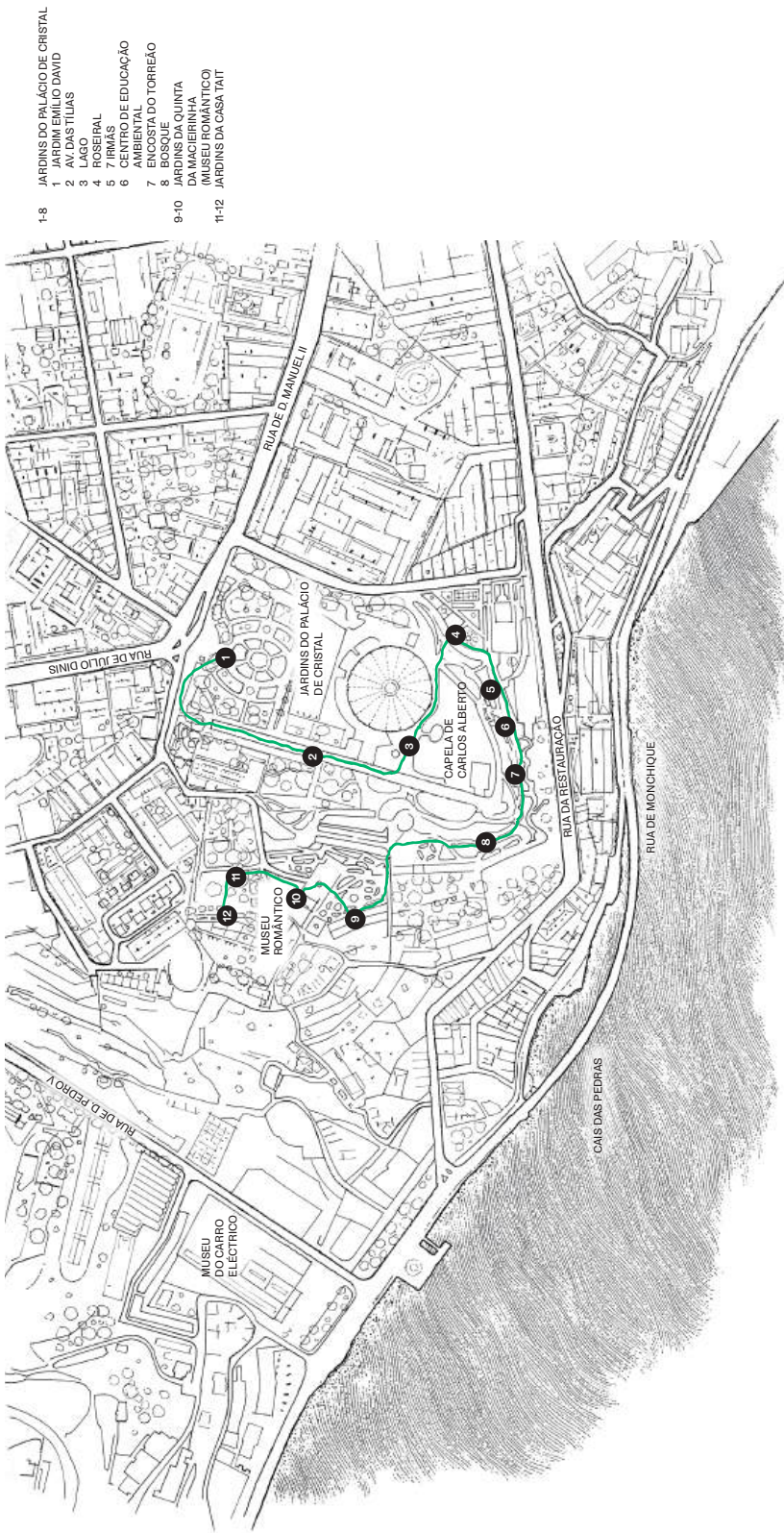
Este percurso convida à observação de uma flora ora exuberante, ora discreta, de natureza exótica ou autóctone, que se desvenda por entre jardins formais e bosques numa inquietação de permanente descoberta.

Um riquíssimo reduto verde da cidade que se entrecruza com inúmeras histórias, como a da criação do Palácio de Cristal e suas sucessivas transformações, ou a do legado botânico da família Tait.

Os três jardins históricos propostos a visita - Palácio de Cristal, Quinta da Macieirinha e Casa Tait - preservam várias árvores centenárias (algumas delas classificadas de interesse público), como o Tulipeiro da Casa Tait, ponto de passagem obrigatória do percurso.



Casa Tait – Tulipeiro com William C. Tait no jardim, c. 1900
Coleção Museu do Porto / Coleção Casa Vitorino Ribeiro



PERCURSO DA ÁGUA

2,5 km
Início do percurso ↓
Museu Romântico
Fim do percurso ↓
Rua D. Pedro V

O elemento água afirma-se como uma presença constante no território do Vale de Massarelos. Se por um lado o modelo de forma espontânea, abrindo caminhos naturais através do rio Douro e do ribeiro de Vilar, por outro é pretexto para transformações humanas materializadas em chafarizes, fontes, lagos, moinhos ou canais no topo dos muros.

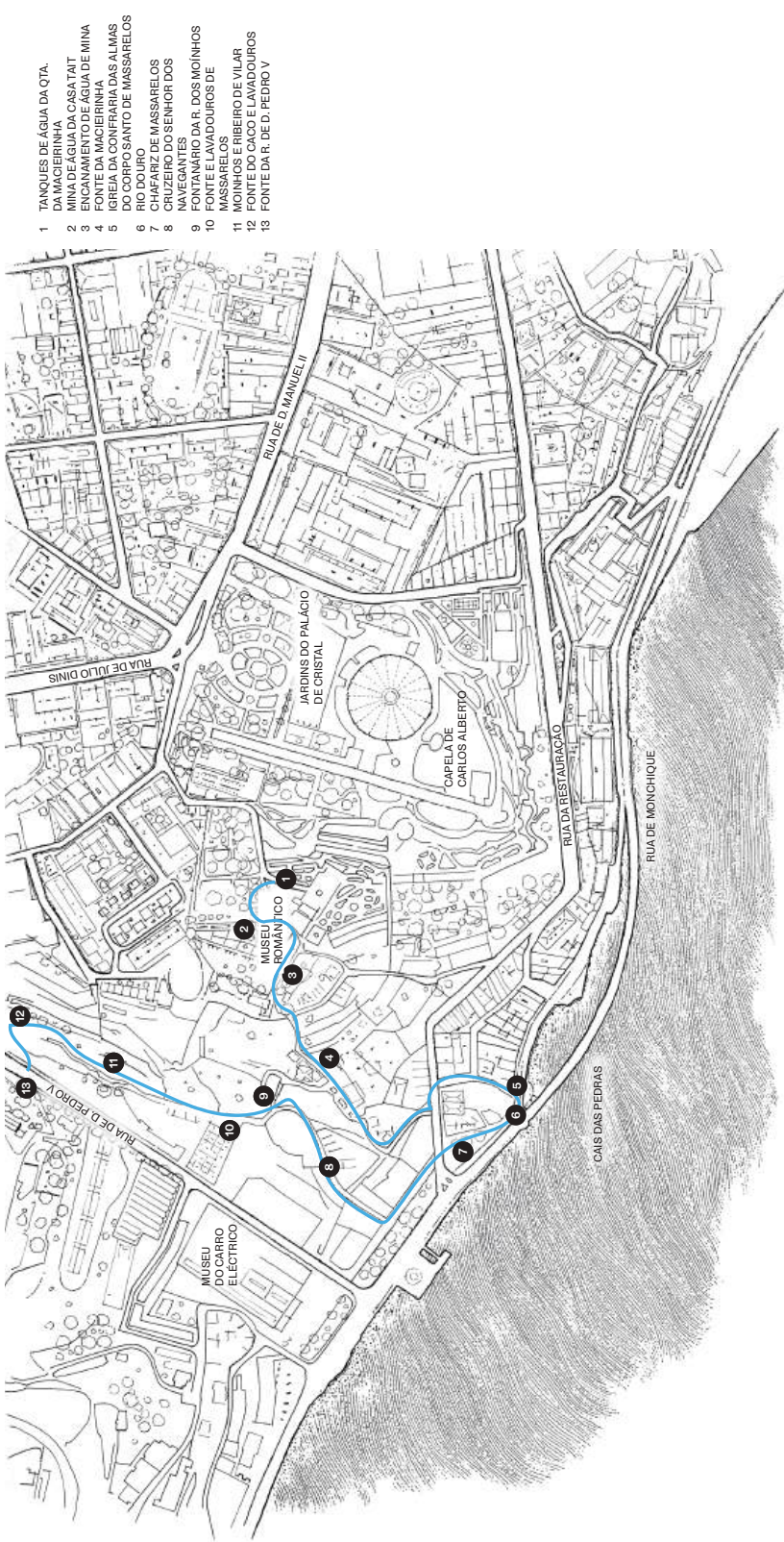
Este percurso parte da cota alta do Vale de Massarelos e serpenteia por ruas estreitas até ao rio Douro, finalizando com a subida pela Rua dos Moinhos até à Rua D. Pedro V.

Paralelamente à dimensão humana eminentemente prática associada ao aproveitamento da água, de que são exemplos os canais que a fazem chegar às fontes públicas, campos de cultivo, azenhas e fábricas, o elemento água transporta-nos igualmente para uma dimensão contemplativa intemporal.



Alameda de Massarelos, 190?

Arquivo Histórico Municipal do Porto



PERCURSO DA INDÚSTRIA



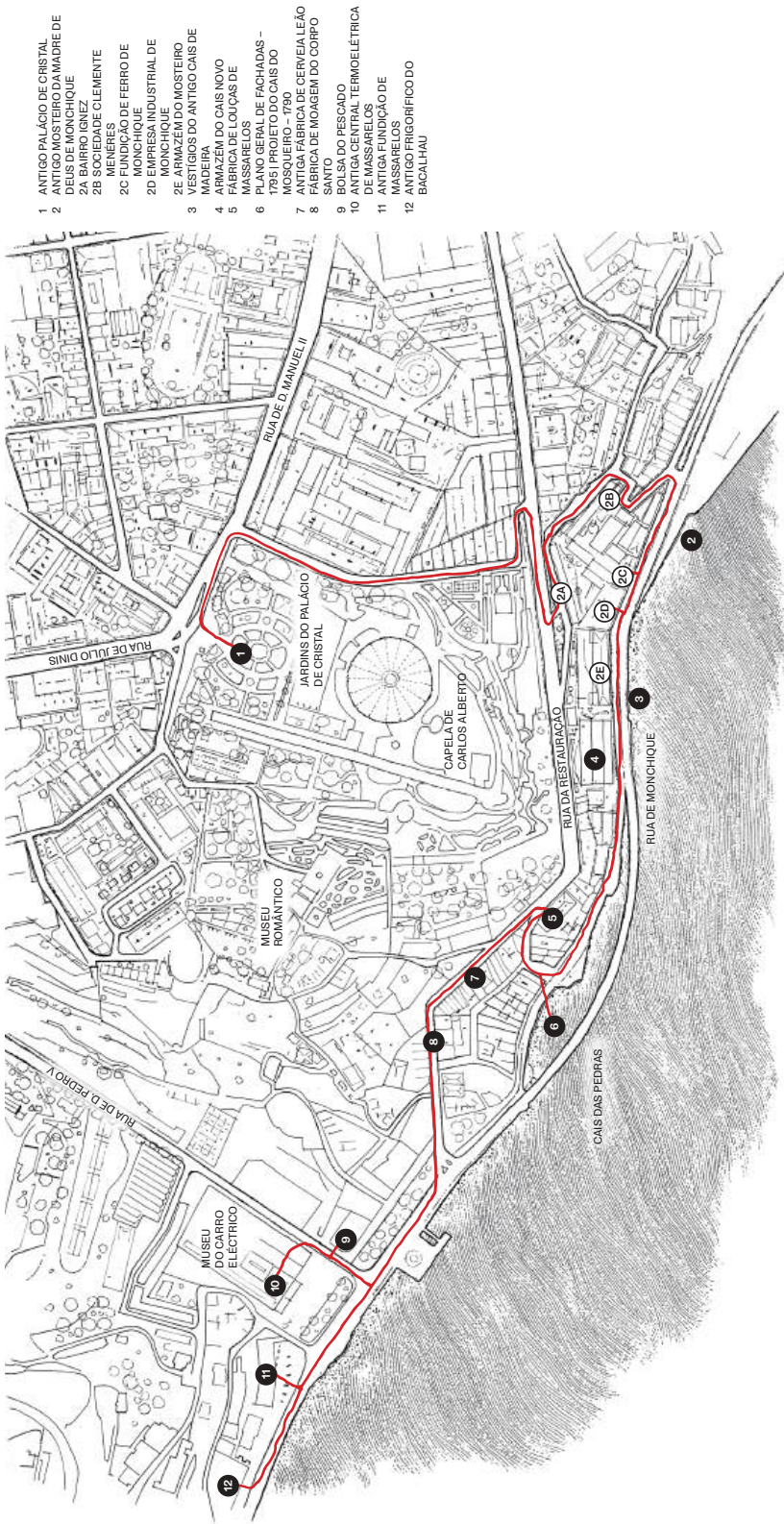
3,5 km
Início do percurso ↓
Entrada principal dos Jardins do Palácio de Cristal
Fim do percurso ↓
Museu do Carro Eléctrico

Na paisagem de Massarelos avultam ainda vestígios de fábricas, armazéns e oficinas, linhas de caminhos-de-ferro e pontes, bairros operários e ilhas, e umas tantas memórias de um tempo áureo que teve no antigo edifício do Palácio de Cristal um notável exemplo. O Percurso da Indústria espraia-se neste singular território, por entre rios e ribeiros, mostrando a vivacidade de um tempo ido – o Porto do Romantismo – através de uma diversidade tipológica do edificado, por sua vez associada a diferentes produtos fabricados ou armazenados pela indústria ao longo do século XIX e início do século XX.

Com este percurso revelam-se marcas de um processo de industrialização que reorganizou a cidade e a transformou económica e socialmente, graças ao impulso de personalidades emergentes que nos ajudam a perscrutar um tempo e um espaço de puro romantismo portuense.



Vista da Barra, c. 1890
Arquivo Histórico Municipal do Porto



PERCURSO PERSONALIDADE: CARLOS ALBERTO

2,5 km

Início do percurso ↓

Praça de Carlos Alberto

Fim do percurso ↓

Museu Romântico

Em abril de 1849, a cidade do Porto recebe Carlos Alberto – o rei exilado da Sardenha. De saúde muito fragilizada e muito desalentado pela derrota sofrida na Batalha de Novara, Carlos Alberto troca a coroa real pela vida singela e de recato, encontrando na cidade do Porto um refúgio para aqueles que viriam a ser os últimos três meses da sua vida.

Este percurso percorre lugares de memória da sua estadia no Porto – destacando as três moradas que escolhe como residência –, evoca as marcas da sua profunda religiosidade, partilha as suas vivências quotidianas (extremamente condicionadas pela doença) sem esquecer os seus companheiros de fim de jornada.

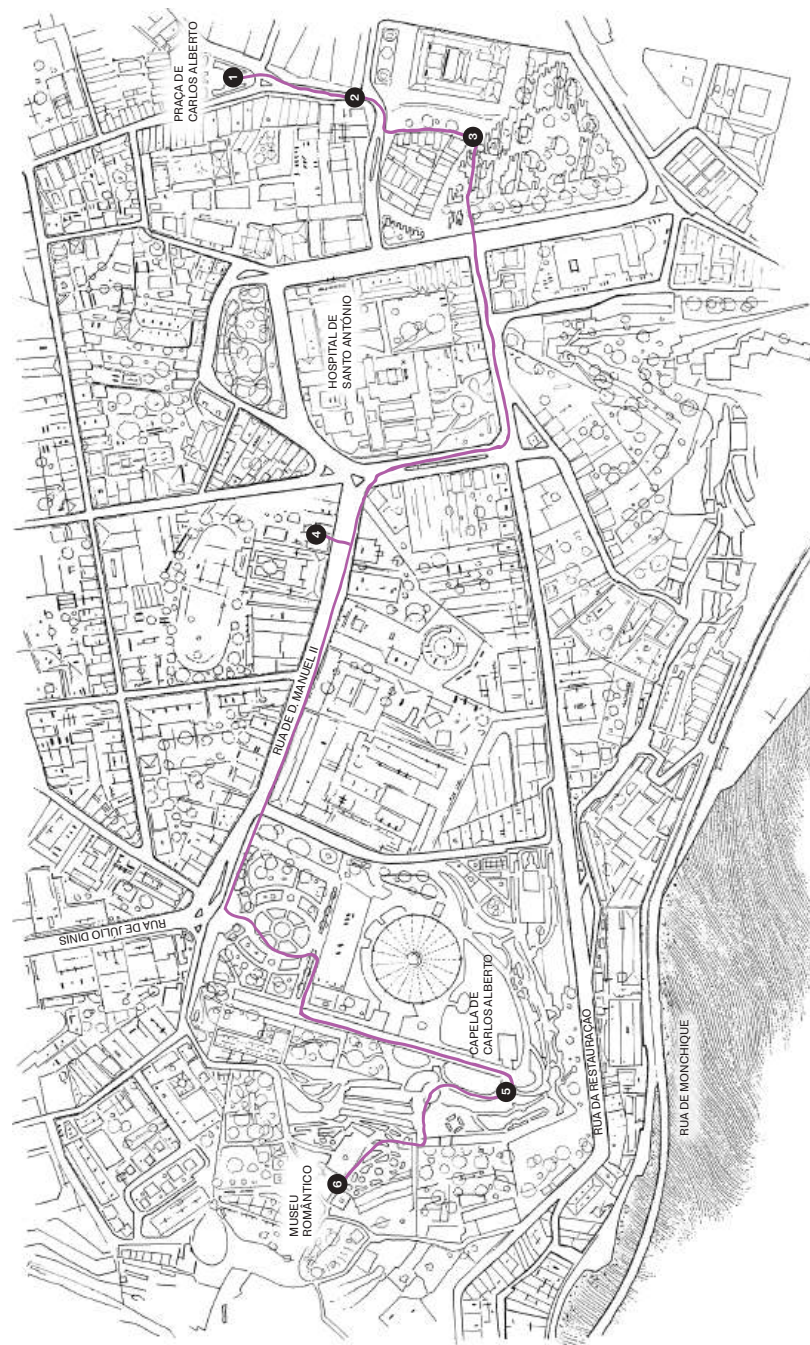
Uma estadia que fica marcada pela onda de simpatia popular que logo se gerou em torno desta cruzada romântica que o considera um mártir heróico da liberdade.



Capela de Carlos Alberto na Avenida das Tílias, c. 1890
Foto Guedes, Porto. Arquivo Histórico Municipal do Porto



- 1 PRAÇA DE CARLOS ALBERTO
- 2 PRAÇA DE CARLOS ALBERTO
- 3 PRAÇA DE PARADA LEITÃO (N.º 3-7)
- 4 RUA DE D. MANUEL II (N.º 52-42)
- 5 CAPELA DE CARLOS ALBERTO
- 6 (MUSEU ROMÂNTICO)



16# REVISITAR A EXPOSIÇÃO COLONIAL PORTUGUESA 90 ANOS DEPOIS

Com

Manuel de Sousa

SÁB 20 JAN, 14H30

Início e fim do percurso ↓

Entrada principal dos Jardins do Palácio de Cristal (percurso circular)

Em 1934, o Palácio de Cristal e os seus jardins acolheram a «Primeira Exposição Colonial Portuguesa», através da qual o Estado Novo realizou uma operação de propaganda sobre a sua política colonial, promovida a grande desiderato nacional.

As imagens captadas pela objetiva de Domingos Alvão, o fotógrafo oficial do evento, muito contribuíram para a divulgação do evento e para a criação de uma visão romântica do colonialismo português. Recorrendo a fotografias do evento, procuraremos reconstituir os diversos espaços que compunham o certame de 1934.

Noventa anos volvidos e meio século depois da independência política das antigas colónias ultramarinas, vale a pena voltar aos mesmos locais para refletir criticamente sobre a sua memória e romantização.

No percurso pelos jardins do Palácio de Cristal, passar-se-á também em revista a história do local, abordando designadamente a construção do edifício de ferro e vidro que acolheu a «Exposição Internacional do Porto» de 1865 e, posteriormente, muitas feiras industriais e eventos sociais, políticos e culturais.



1ª Exposição Colonial Portuguesa: Aldeia da Guiné na ilha do lago dos Jardins do Palácio de Cristal, 1934
Arquivo Histórico Municipal do Porto.

17# AS CAMÉLIAS E OS SEUS COLECIONADORES

Com

Alcide Gonçalves

SÁB 17 FEV, 14H30

Início do percurso ↓

Entrada dos Jardins da Casa Tait

Fim do percurso ↓

Entrada principal dos Jardins do Palácio de Cristal

Símbolo de harmonia, amor e beleza, as flores do género *Camellia* são das mais amadas do reino vegetal sendo mesmo designadas como «Rainha das flores». As várias coleções presentes nos jardins são o testemunho vivo deste encantamento e preferência. Mas a história das Camélias faz-se em grande parte pelo contributo dos seus colecionadores cujo gosto, dedicação e paixão permitiram criar este património botânico e cultural que cruza, até hoje, fronteiras de muitos países e continentes.

A individualidade de cada planta, o fascínio e a beleza das flores, o intenso interesse dos viveiristas de camélias, as reuniões, convenções e *shows* com a presença de produtores nacionais e internacionais, contribuem para manter vivo o interesse pelas camélias. É inquestionável a existência de grande afinidade entre cada exemplar de Camélia e colecionadores, apreciadores e jardineiros que delas cuidam.

Ao longo do percurso, que se fará entre a Casa Tait e os Jardins do Palácio de Cristal, apreciaremos as coleções de Camélias ficando a conhecer melhor os nomes dos seus admiradores e as particularidades à volta deste precioso legado vegetal.



«Camellia Mme de Cannart d'Hamalè», 1954–1896
Charles Antoine Lemaire

18# AS AVES DO PORTO: DA HISTÓRIA NATURAL ÀS ESTÓRIAS DA NATUREZA NA CIDADE DOS TAIT

Com

Pedro Andrade

SÁB 23 MAR, 17H30

Início do percurso ↓

Entrada principal dos Jardins do Palácio de Cristal

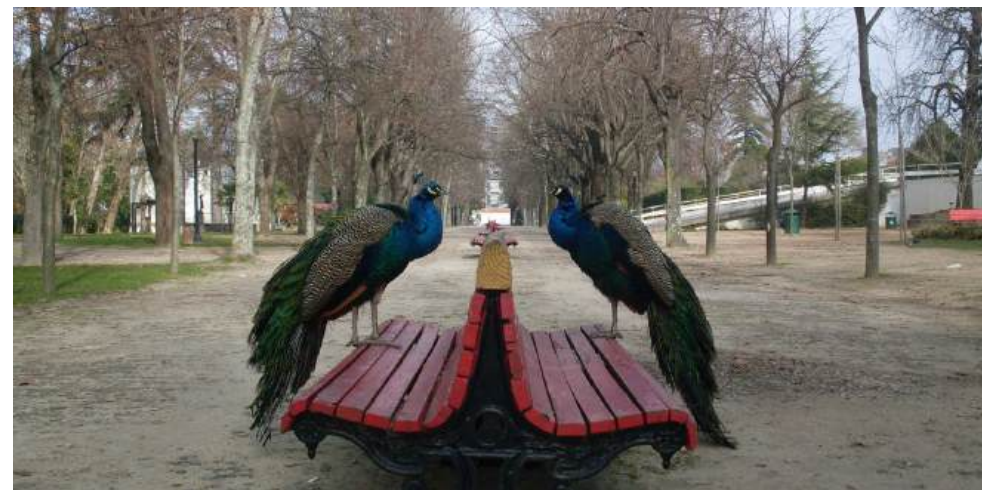
Fim do percurso ↓

Entrada dos Jardins da Casa Tait

Enganem-se os que acham que o Porto é apenas uma cidade de pessoas, para pessoas, com histórias de pessoas. A cidade é também um local de biodiversidade, com um infundável potencial de revelação.

Como embaixadoras da biodiversidade, as aves são um excelente ponto de partida para aprender como a Natureza subsiste ainda nas cidades. Mais do que apenas pombos, gaivotas e pardais, os jardins abrigam um grande número de espécies, como o barulhento pica-pau, o curioso pisco-de-peito-ruivo ou o destemido melro, cada um com a sua história para contar.

Neste percurso, os participantes serão convidados a descobrir um pouco mais sobre o mundo das aves do Porto, em particular pelas que habitam os jardins de Massarelos, e desvendar alguns dos segredos da avifauna. Quais são as primeiras aves a acordar, ainda antes do Sol romper? Porque é que os pombos e gaivotas têm tanto sucesso nesta cidade? Qual é o segredo escondido nas penas dos pavões dos Jardins do Palácio de Cristal? E qual é a ligação entre o vinho do Porto e a ciência das aves em Portugal?



Pavão-real na Avenida das Tílias, Palácio de Cristal
Fotografia de Pedro Andrade

19# ENTRE AS PEDRAS DESPONTAM PLANTAS

Com

A Recoletora e a herbalista Pamela Sousa

SÁB 20 ABR, 14H30

Início e fim do percurso ↓

Entrada dos jardins da Casa Tait (percurso circular)

Neste percurso de primavera, dedicado à vegetação silvestre comestível e medicinal, os participantes irão percorrer os Caminhos do Romântico guiados pelo olhar atento da herbalista Pamela Sousa. Propõe-se que o grupo aprenda a «ver» as plantas que crescem de forma espontânea e resiliente nos muros serpenteados, nos degraus, em cima dos telhados ou por entre as pedras da calçada dos socacos do Vale de Massarelos.

Com esta aula andante, pretende-se ensinar aos participantes formas de identificar estas espécies, os seus nomes científicos e populares, as famílias botânicas a que pertencem, as partes comestíveis e as receitas que as tornam saborosas, nutritivas e terapêuticas.

Este será o último percurso especial, de um conjunto de três, proposto pela Recoletora para os Caminhos do Romântico do Porto. Cada percurso foi orientado por uma especialista diferente, conduzido numa mesma geografia ao longo das várias estações do ano. Quão díspares são as visões e leituras destas três especialistas? Que mutações pode a flora espontânea apresentar durante o seu ciclo? Quantas versões pode um percurso ter?



Erva-azeda (*Oxalis pes-caprae*)

Fotografia de A Recoletora

20# MEMÓRIAS DE CARLOS ALBERTO DE SABÓIA NA CIDADE DO PORTO

Com

José Manuel Lopes Cordeiro

SÁB 18 MAI, 14H30

Início do percurso ↓

Palacete dos Viscondes de Balsemão

Fim do percurso ↓

Museu Romântico

Este percurso propõe um périplo pelos locais relacionados com a estadia de Carlos Alberto no Porto. O antigo rei da Sardenha entrou na cidade pelo Carvalhido, no dia 19 de abril de 1849, onde foi recebido pelas autoridades civis, militares, religiosas e por inúmeras individualidades da sociedade portuense. Através da Rua de Cedofeita e sempre com uma multidão a acompanhar a sua passagem, dirigiu-se para o então Largo dos Ferradores (atual Praça de Carlos Alberto), tendo ficado alojado na Hospedaria de António Bernardo Peixe (ou Peixe), instalada no Palacete dos Viscondes de Balsemão.

Neste percurso será visitado um aposento do 1.º andar do Palacete, que terá sido o quarto onde o antigo monarca dormiu. De seguida serão visitados outros locais relacionados com a estadia de Carlos Alberto na cidade, entre os quais a casa da Quinta da Macieirinha, na Rua de Entre Quintas, na qual passou a viver a partir de 14 de maio, até ao seu falecimento no dia 28 de julho de 1849, local que marcará o termo a esta visita.



Casa onde morou o Rei Carlos Alberto, 1849

Joaquim Cardoso V. Vilanova. Arquivo Histórico Municipal do Porto

21# DONA ANTÓNIA «EM VOLTA» PELOS GRANDES SENHORES DO DOURO

Com

Francisco Queiroz

SÁB 22 JUN, 14H30

Início e fim do percurso ↓

Largo da Maternidade – entrada do Cemitério Britânico
(percurso circular)

Neste percurso, homenageamos Antónia Adelaide Ferreira no local da cidade que detém a maior concentração por metro quadrado de evocações visuais aos grandes negociantes do Douro no século XIX: o Cemitério Britânico.

São várias as inscrições sepulcrais nas quais se vislumbram apelidos que facilmente reconhecemos por coincidirem com marcas de vinho do Porto. Neste cemitério existe também uma insólita lápide que, indiretamente, assinala o dia em que Antónia Adelaide Ferreira quase perdeu a vida no seu Douro. Sendo um dos sítios mais românticos e menos conhecidos do Porto, o Cemitério Britânico é o espaço ideal para colocar a figura de «Dona Antónia» no contexto histórico dos senhores do Douro – contexto esse que não se limitava à produção de uva, ao fabrico e exportação de vinho. Várias personalidades que com ela competiram no mercado vitivinícola tinham outros investimentos, alguns dos quais inusitados sob o olhar contemporâneo. A própria «Dona Antónia», quando enviuvou do seu primeiro marido e primo, herdou uma diversificada carteira de negócios, não se limitando aos relacionados com o Porto e com o Douro.



Cemitério Britânico, Porto
Reprodução de J. Forrester, 1838
Arquivo Histórico Municipal do Porto

22# AS VOZES QUE OS CAMINHOS NOS SUSSURRAM, POR ENTRE PEDRAS — SEMIÓTICA URBANA

Com

Carlos Magno

SÁB 20 JUL, 14H30

Início do percurso ↓

Rua de D. Pedro V

Fim do percurso ↓

Calçada da Boa Viagem

Os Caminhos do Romântico do século XXI guardam sussurros não menos românticos, não menos pungentes, não menos bucólicos, nem menos extremados do que os que se adivinham ter sido perpetrados em pleno Romantismo.

Este percurso trará foco às vozes anónimas, fugazmente escritas e desenhadas nas paredes, nos caminhos, ou nos mais diversos elementos, através da análise da semiótica urbana. Parar para auscultar uma multiplicidade de signos em caminhos que tantas vezes nos fazem companhia em viagens, mas que velozmente percorremos sem neles reparar, e deixar, por fim, que despertem em nós a capacidade de olharmos para dentro daquilo que vemos, será o mote deste convite.

Sem preconceitos, pretende-se alargar o horizonte à diversidade cultural de uma pluralidade de vontades sociais que se plasmam numa arte pública democrática. Desde a Rua de D. Pedro V à Calçada da Boa Viagem, onde recentemente os moradores pintaram um mural com evocações das suas memórias mais presentes, a proposta deste percurso é deixarmo-nos perder nos meandros dessas vozes que fazem do espaço urbano um permanente fervilhar de sentidos.



Fotografia de Rui Oliveira

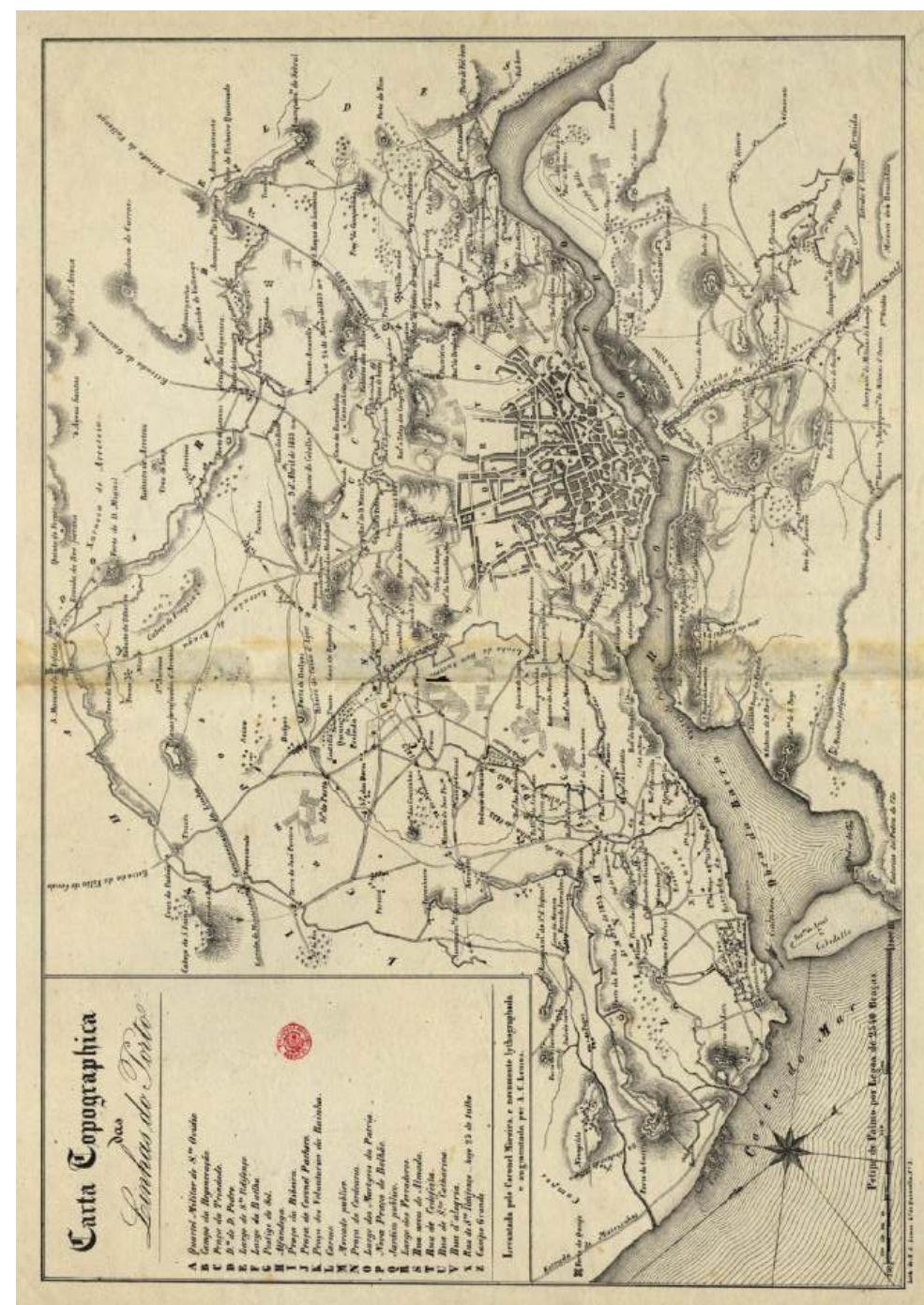
23# O VALE DE MASSARELOS A FERRO E FOGO — O CERCO DO PORTO 1832-1833

Com
Sérgio Veludo
SÁB 24 AGO, 14H30
Início do percurso ↓
Entrada da Árvore — Cooperativa de Actividades Artísticas
Fim do percurso ↓
Largo da Igreja da Confraria das Almas do Corpo Santo de Massarelos

O extenso Vale de Massarelos é muito rico em espaços de memória do Cerco, tanto em locais de posições de artilharia e combates, como nas residências das famílias inglesas, proprietárias das caves - à época ocupadas pelas tropas Miguelistas, mas residentes na margem norte do Douro. Destacam-se ainda ruas configuradas com o desenho urbano da época, como a Rua da Macieirinha ou a das Virtudes.

O percurso a que nos propomos tem o seu início no Jardim e Quinta das Virtudes, segue pela Rua da Bandeirinha até à Rua de Sobre o Douro, subindo ao Palácio de Cristal. Continua a ascensão pelo Museu Romântico, toma a Rua e Escadas de Entre Quintas até à Escadaria das Macieirinhas, continua a descer até à Rua e Travessa do Campo do Rou, passa pela Rua da Flora e Rua do Outeiro até chegar à Irmandade de Massarelos.

A razão de sermos a *Cidade Invicta, mui Nobre e Leal sempre* não se pode dissociar do Cerco do Porto, onde Massarelos guarda muitas histórias dessa História.



Carta topographica das Linhas do Porto / levantada pelo coronel Moreira; novamente lithographada e augmentada por A. C. Lemos.
António Carvalho de Lemos. Lisboa, 1835
Biblioteca Nacional Digital

24# O GEOCACHING NOS CAMINHOS DO ROMÂNTICO COMO REVELAÇÃO DO TERRITÓRIO

Com

Teresa Portela Marques e Carolina Sousa

SÁB 21 SET, 14H30

Início do percurso ↓

Entrada principal dos Jardins do Palácio de Cristal

Fim do percurso ↓

Cais das Pedras

O Vale de Massarelos, onde se esculpem os Caminhos do Romântico, forma como que um palimpsesto de realidades – tangíveis e intangíveis, passadas e presentes, visíveis ou ocultas – que merece ser revelado e interpretado. Desde a grande paisagem de terra, céu, rio e mar aos pequenos objetos ou elementos, naturais e culturais, que narram a história da ocupação do lugar e lhe conferem carácter, várias são as possibilidades de desvendamento facilitado por um passeio pelas suas velhas ruelas, quintas, jardins e miradouros.

A proposta deste percurso é desvelar, através do *Geocaching*, outras camadas comunicantes da paisagem e dos seres que nela passam. Surgido há 24 anos, o *Geocaching* assume-se como uma modalidade de descoberta de caches escondidas nos mais variados locais com recurso à georreferenciação GPS e às pistas deixadas pelo detentor da cache. São milhões as caches espalhadas pelo mundo e cada uma cumpre a missão de conectar o participante com uma paisagem, um monumento, uma história.

Ocultas ao nosso olhar, as caches há muito fazem parte dos nossos caminhos e os Caminhos do Romântico não são exceção.



Cache GC6RD1H, Porto (2023).
Fotografia de Joana Leite

25# UM CERTO PORTO BRITÂNICO — ARTE E URBANISMO DO PORTO ROMÂNTICO

Com
Ricardo Pinto
SÁB 19 OUT, 14H30
Início do percurso ↓
Largo da Maternidade
Fim do percurso ↓
Rua da Bandeirinha

Desde a Baixa Idade Média, as intensas relações comerciais entre Portugal e Inglaterra permitiram uma importante troca de bens, mercadorias e ideias. O Porto, cidade filha do comércio, ponto de passagem do fluxo de mercadorias entre o Mediterrâneo e o Norte da Europa, transformou-se, pelo menos desde o século XIII, num ponto de fixação de mercados ingleses, eixo fundamental da circulação internacional de produtos e matérias-primas. A partir do século XVIII, a comunidade britânica prospera, multiplica-se e alarga a sua influência social e política, ocupando predominantemente a parte ocidental da cidade. É o tal «bairro ocidental inglês», a que alude Júlio Dinis em *Uma família Inglesa* (1867).

Um pedaço de Porto que se organiza em torno do cemitério e da capela de Saint James, e que se estende no «caminho velho» para a Foz, pela Rua de Vilar, de Entre Quintas e pelo Passeio Alegre. Este percurso tratará de analisar a forma como a cidade cresceu a partir de então para ocidente, entre a cidade consolidada e o Vale de Massarelos, cruzando as influências destas comunidades estrangeiras com a burguesia do Porto, na arte, no urbanismo e na sociedade.



Veduta a mezzogiorno della Villa Entre-Quintas, 1851
Ilustração de Enrico Gonin
Arquivo Histórico Municipal do Porto

26# O PORTO DE ENTRE QUINTAS — O ROMANTISMO DA «CIDADE DAS ÁGUAS»

Com

Mário Mesquita

SÁB 23 NOV, 14H30

Início do percurso ↓

Portão nascente da Quinta do Gólgota, à Faculdade de Arquitetura

– Via Panorâmica Edgar Cardoso

Fim do percurso ↓

Museu Romântico

O Porto é a «cidade das águas». No Romantismo, os percursos cidade-campo calcorreavam as doces margens de pequenos rios e ribeiras que, impressivamente, «pincelavam a aguarela» a paisagem portuense. Estes caminhos bucólicos eram percorridos pelas famílias burguesas, mas também pelo «povo», como nos narra o expoente do Romantismo, Camilo Castelo Branco. Da periferia para o coração dinâmico da urbe romântica, as gentes da cidade e dos arrabaldes faziam seus todos estes caminhos que se conservam e que permitem salvaguardar a memória portuense. À semana para trabalhar, e ao fim de semana para o ócio, sempre acompanhados pelas águas e pelos vários equipamentos que foram sendo construídos – fontes, fontanários, bicas, mananciais, lavadouros e bebedouros. Foi, sem dúvida, criado um território único, uma paisagem que, pelo que lemos na toponímia atual, seguramente deveria ser especial.

Neste percurso pelos lugares da água, caminhamos por espaços únicos, proporcionando uma visita ao que subsiste da realidade de então e que, intemporalmente, nos leva a uma imersão romântica de entre quintas.



Fonte do Caco, 2022

Fotografia de Mário Mesquita

JANEIRO

Manuel de Sousa (Porto, 1965) tem um percurso profissional diversificado marcado pela comunicação, marketing, turismo e investigação histórica. Atualmente desempenha as funções de diretor executivo da Cooperativa Árvore; é responsável pela página de Facebook «Porto Desaparecido» que conta com mais de 130 mil seguidores, sendo também autor de livros, artigos, blogs e colaborador em jornais, revistas e programas de televisão.

FEVEREIRO

Alcide Gonçalves (Maia, 1968) é arquiteta paisagista, mestre em Cidadania Ambiental e investigadora na área de Ética para a Sustentabilidade. Desde 1996 que orienta visitas culturais a jardins históricos e a locais de património natural e cultural. É membro do Conselho Fiscal da SEA – Sociedade Ética Ambiental, desenvolvendo ações de sensibilização em escolas.

MARÇO

Pedro Andrade (Barcelos, 1987) é biólogo, investigador em biologia evolutiva no BIOPOLIS-CIBIO – Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (Vairão). Desenvolve a maioria do seu trabalho na interseção entre a biologia evolutiva, genética funcional e ecologia. Tem experiência de mais de 15 anos em ecologia de aves, tendo desenvolvido vários projetos com vista ao estudo da sua biologia e conservação.

ABRIL

A Recoletora é a prática comum de Alexandre Delmar e Maria Ruivo, dedicada ao estudo dos lugares de reciprocidade e interação entre as comunidades humanas e as vegetais. O seu trabalho alia uma ação contínua de pesquisa e mapeamento das plantas espontâneas comestíveis ao resgate de conhecimentos ancestrais e contemporâneos, propondo uma redescoberta da cidade através da recolha e da deambulação.

Pamela Sousa (Tondela, 1986) é herbalista e fundadora da «Pharmácia das Ervas», projeto através do qual facilita atividades como caminhadas de identificação da flora silvestre ou *workshops* relacionados com saúde e bem-estar, desenvolvidos a partir de plantas e produtos naturais locais. Desenvolve ainda ações pedagógicas para o público escolar onde explora temas como a ecologia, a vegetação e as alterações climáticas.

MAIO

José Manuel Lopes Cordeiro (Porto, 1953) é doutor em História Contemporânea, sendo professor aposentado do ensino superior público. Tem inúmeros artigos e livros publicados nas áreas do património e arqueologia industrial, assim como da história económica e política contemporânea. Foi o Comissário da exposição «1820. Revolução Liberal do Porto», organizada em 2020 pela Câmara Municipal do Porto.

JUNHO

Francisco Queiroz (Vila Nova de Gaia, 1973) é historiador de arte, investigador do ARTIS-Instituto de História de Arte/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e do CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, onde concluiu o pós-doutoramento em 2014. Assina numerosos livros e mais de uma centena de artigos científicos tendo o Romantismo como cronologia preferencial, e o urbanismo, a arquitetura, a azulejaria de fachada e a genealogia como as vertentes de maior incidência.

JULHO

Carlos Magno (Vinhais, 1955) é jornalista, professor de filosofia da comunicação e presidiu à Entidade Reguladora para a Comunicação de 2011 a 2017. Foi repórter, redator, editor e diretor em diversos órgãos de comunicação social, como a RDP, Expresso, TSF, SIC, Diário de Notícias e colaborou com a RTP e a TVI. Tem um programa semanal na CNN Portugal.

AGOSTO

Sérgio Veludo Coelho (Porto, 1967) é professor adjunto da ESE - Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Doutoramento em História, pertence às Comissões Científicas da Licenciatura em Gestão do Património Cultural e do Mestrado em Património, Artes e Turismo Cultural. É Investigador Integrado do INED/ESE, membro da Comissão Científica da Comissão Portuguesa de História Militar e Auditor de Defesa Nacional.

SETEMBRO

Teresa Portela Marques (Porto, 1964) é arquiteta paisagista, professora auxiliar na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e investigadora no Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos. Desenvolve estudos de história e crítica de paisagens de amenidade, sendo coautora dos livros «Jardins do Palácio de Cristal», «Jardins Históricos do Porto» e «Casa S. Roque».

Carolina Sousa (Maputo, 1976) é licenciada em Biologia e Geologia. Atualmente é técnica superior do IEFP - Instituto do Emprego e Formação Profissional. Foi formadora e professora durante mais de 20 anos. Colaborou como monitora de campos de férias

e sempre foi apaixonada por atividades ao ar livre e caminhadas. Descobre o *Geocaching* em 2019 e a partir de então dedica muito do seu tempo em família à exploração do território a partir desta ferramenta.

OUTUBRO

Jorge Ricardo Pinto (Porto, 1975) é licenciado, mestre e doutor em Geografia pela FLUP - Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigador do CEGOT, professor coordenador do Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo e autor de vários livros, capítulos de livros e artigos científicos, em torno da Geografia Histórica do Porto, da Geografia Urbana e da História e Geografia do Turismo. Colabora também como docente convidado na FLUP e como formador na Associação Portuguesa de Geógrafos.

NOVEMBRO

Mário Mesquita (Porto, 1971) arquiteto, investigador e artista. Doutor em Arquitetura e mestre em Planeamento e Projeto do Ambiente Urbano. Professor na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e coordenador da Comunidade de Inovação Pedagógica da U. Porto- PTRI. Investigador do i2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória e investigador principal na Águas e Energia do Porto - consultor para o Património e responsável científico do Parque Patrimonial das Águas – UNESCO/WAMU-NET.

CÂMARA MUNICIPAL
DO PORTO

Presidente da Câmara
Municipal Porto
RUI MOREIRA

Diretor Municipal de
Cultura e Património
ALEXANDRA CERVEIRA LIMA

Departamento Municipal de Gestão
do Património Cultural
MIGUEL RODRIGUES

Chefe da Divisão Municipal
de Museus
MARIANA JACOB TEIXEIRA

Chefe da Divisão Municipal
de Arquivo Histórico
HELENA GIL BRAGA

Chefe da Divisão Municipal
de Bibliotecas
SÍLVIA FARIA

Chefe de Unidade do Gabinete de
Apoio às Bibliotecas
e à Leitura
ANDREIA AMORIM

Diretora de Departamento Municipal
de Comunicação
e Promoção
ISABEL MOREIRA DA SILVA

ÁGORA – CULTURA E DESPORTO
DO PORTO
E.M.

Presidente do Conselho
de Administração
CATARINA ARAÚJO

Administradores Executivos
CÉSAR NAVIO
ESTER GOMES DA SILVA

Diretor de Comunicação
e Imagem
BRUNO MALVEIRA

MUSEU E BIBLIOTECAS
DO PORTO

Diretor do Museu e das
Bibliotecas do Porto
ALEXANDRA CERVEIRA LIMA

Departamento de Dinamização de
Museus e Coleções (ÁGORA E.M.)

Diretor Executivo
JOÃO COVITA

Coordenador Técnico
FRANCISCO TELES

Gestora de Projetos Educativos
MARTA BERNARDES

Curadora
RITA ROQUE (CMP/ DMCP)

Assistente de Direção
CRISTINA REGADAS

Assistente de Programação
TIAGO ALMEIDA

Produtores Executivos
ANA AMORIM
CELESTE DOMINGUES
JOSÉ RALHA

Comunicação
PATRÍCIA BARBOSA

A ação e os programas do Museu
e das Bibliotecas do Porto apenas
são possíveis pelo contributo
indispensável dos técnicos
superiores, assistentes técnicos
e assistentes operacionais que, nas
diferentes áreas e especialidades,
materializam e levam mais longe
os desafios e serviço público das
nossas casas.

Gestão do programa
Caminhos do Romântico
JOANA LEITE
TERESA FONSECA E SÁ

Conceção Gráfica
R2

Design Gráfico
LUÍS CEPA

JAN 2024